

Archivo Contemporaneo

ILLUSTRADO

R

Redactor-Chefe

CASTRO SOROMENHO

Revista Quinzenal

Secretaria da redacção

JULIO BARJONA

ADMINISTRADOR: ALFREDO B. MARQUES DE LEÃO

Publica biographias, retratos, illustrações, chronicas, poesias, romances, contos, charadas, coisas do sport, criticas mundanas, informações de toda a ordem, receitas, artigos politicos, annuncios, reclames, estatisticas de estabelecimentos commerciaes, industriaes e agricolas, communicados, anedoctas, pilherias, logographos, chronicas sobre todos os theatros, sciencias, litteratura e artes, etc., etc.

Córte: Redacção e administração RUA DO CARMO, 65.

BIOGRAPHIAS

MANUEL JOSÉ SOARES

Dando hoje á estampa, o retrato do commendador e senador do imperio Manuel José Soares, entendemos prestar uma das mais justas homenagens ao seu talento economico, á sua actividade, amor ao trabalho, perseverança, illustração e honradez civica.

Filho, dos confins da vasta e gloriosa provincia de Minas, o Sr. Manuel José Soares veio muito moço para o Rio de Janeiro. Ahi encetou elle, pobre então, a sua carreira commercial, principian-do pelas duresas do pequeno commercio em uma modesta loja de ferragens.

Graças á sua actividade, perseverança e talento mercantil, conseguiu gradualmente captar a confiança dos homens do commercio e ir lentamente subindo de posição. Trabalhador tenaz e honrado, era natural que lhe cedessem o passo todas as difficuldades que pódem assaltar a todos em muitas emergencias da vida. Era certo triumphar.

Todas as escalas da vida mercantil, conquistadas pelo seu esforço, palmo a palmo, amparado apenas pelo trabalho intelligente, diario e longo, elle atravessou, sereno, para chegar á posição importante que hoje occupa. Passou por todas as provas difficéis da vida commercial, sem vacillar um momento entre as tentações que lhe são proprias e o caminho recto do dever e da honestidade.

Só aquelles que se têm feito notaveis, como elle nesse ramo da actividade humana, podem aquilatar do seu valor.

Mesmo de longe, Minas começou a observar nelle, que era seu filho, capaz de honrar a sua terra, uma esperança risonha para o futuro.

Poucos terão entrado para a vida politica por maneira mais honrosa que o commendador Manuel José Soares.

Afastado dos circulos politicos, longe da

sua provincia, embebido nas suas arduas tarefas de negociante, elle não pensava talvez em uma cadeira no parlamento, quando de lá os seus amigos o surprehenderam com essa incumbencia gloriosa de representar a sua provincia na camara temporaria.

Ahi elle mostrou, que a vida do penoso trabalho não lhe atropeliara a intelligencia nem o caracter.

Representou dignamente, a sua provincia em mais de uma legislatura de maneira austera e credora de applausos.

do paiz, para votar livremente, com bom senso e isenção partidaria, em favor do progresso e de do bem estar da nação.

Tendo figurado honrosamente, por mais de uma vez, na lista triplice de senador por Minas, foi ultimamente escolhido para occupar a curul que diversas vezes lhe designara o voto do electorado mineiro.

Nu elevada posição politica que hoje possui, elle acha-se perfeitamente: não tem um assento na camara vitalicia conquistado a custa de manejos politicos nem de violencias officiaes do qualquer governo. Elle não arrebatou a sua cadeira: deu-lha a vontade popular como applauso merecido ao seu merito verdadeiro. Nenhuma força poderia arrebatá-la porque elle tinha por si a força das forças, que era o suffragio espontaneo do povo.

No senado, elle continuou sempre a sua politica austera, inaugurada na Camara. O seu voto nunca foi um voto sem valor, quasi anonymo, sem razão nem porque. É um voto que tem peso, porque representa um bom senso profundo, meditação calma e um conhecimento largo da politica. Estimadissimo na sua provincia, o senador Soares tem lá um prestigio immenso, uma sympathia geral e um vasto circulo de amigos dedicados.

Hoje elle é o presidente director do Banco Commercial, justa e acertadamente eleito pela confiança que inspirou aos directores d'aquelle importante estabelecimento, como financeiro illustre e de Uno extraordinario para as operações commerciaes e bancarias.

Nessa posição importante, que elle brilhantemente occupa, não é um *parvenu*, gulludado pelo acaso nos cordéis dourados da sorte. Elle atravessou todas as phases practicas do trabalho, montando degrau a degrau, a vida commercial para chegar até lá. Ao lado do seu talento e dos seus estudos de finanças, tem uma practica deveras longa, que é toda a sua vida, no exercicio dos negocios.

Hoje é senhor de uma bella fortuna, honestamente ganha no trabalho sem treguas, que elle abraçou, e ao qual se dedicou desde a sua mocidade.



SENADOR MANUEL JOSÉ SOARES

Conservador de principios, elle soube sempre, apesar d'isso, esquecer a sua colocação politica, quando se tratava dos interesses legitimos

BIBLIOTECA NACIONAL
S.L.R.
2.223
52

O senador e commendador Manuel José Soares tem um logar distincto entre os brasileiros mais notáveis.

Elle é um bello exemplo do quanto pôde conquistar a perseverança e honestidade no trabalho; elle deve de ser ao mesmo tempo um estímulo para todos os que, hoje pobres, tem ainda uma aspiração elevada e um nobre ideal nesta vida!

(Continua)

DR. LUIZ DELFINO

Clinico distinctissimo e poeta extraordinario, não se sabe o que mais apreciar n'elle, se a sua grande proficiência medica, se o seu assombroso talento poético.

Possuidor de uma avultada fortuna, cavalheiro amabilissimo, fãtigo no trato, o Sr. Dr. Luiz Delfino nunca se descuidou, como tantos, que se não tornado uns procellosos inúteis. Elle tem sabido ser até hoje uma força rigorosa que se subdivide, impulsionando, em dous pontos sobretodos, a machina social, com toda a valentia do seu extraordinario talento.

Como clinico estudioso, atilado, felicissimo no diagnostico, sabendo descobrir na immensa rede do organismo a causa obscura da enfermidade, energico no ataque do mal, desvelado a cabeceira do doente, delicadissimo no convívio, elle conseguiu fazer um nome conceituado, de que dá attestado eloquente a sua larga clinica.

Como poeta, elle conseguiu elevar-se tanto, que é já reputado dos primeiros, senão o primeiro da velha e nova geração litteraria do Brazil.

Inauguração assombrosa, de uma phantasia allucinante, artista escrupuloso da forma, elle conseguiu metter dentro da veste justa e difficil do parnasianismo moderno toda a fecundidade e calor assombrosos da sua concepção hugoana.

Luiz Delfino é o auctor famoso da *Solemnia Verba*, composição de folego, poderosa, magistral, que bastaria, ella só, para fazer a gloria de um artista.

Foi por occasião de ascender ao throno da Hespanha o príncipe Alfonso xu, que elle escreveu esse poema extraordinario, verdadeiro grito de indignação e de dor ante o aviltamento moral e politico da terra do Cid e de Pelayo.

Ahi elle lamenta e profiga, em sonoros versos vingadores, o abastardamento do character hespanhol, o servilismo monarchico, a cegueira religiosa, a sua cobardia e a sua infamia sob o dominio dos oppressores; fustiga, amaldiçoando a perda do sentimento da Liberdade procurando reaninhar n'esses corações, gelados pelo despotismo e pela ambição, o pouco sentimento honrado e generoso que nelles ainda restasse.

Assim, começa elle, com estas duas estrophes magistraes:

Revolta a entranha, gotejando sangue,
Follida a carne, rota e palpitante.
Olhos sem luma, o corpo inerte e exangue,
Lacerada, qual tronco da gigante,
Que o raio laica e que do vento a sanha
D'alto n'buio derroca da montanha.
Nas vacas da agoua a Hespanha estava!
Embalde a liberdade anatera e honesta
Mascara força e novo ardor lhe dava...
Quez ergueu-a... bradaram-lhe não presta
Mas... vem um rei; abate-a; e censa extrahiu!
Bestou: 'até viva! resurgiu a Hespanha!

Não cabe, no limitado espaço de um artigo critico muito rapido, a apreciação desse poema digno de ser lido por quantos estimam letras.

E' sem duvida alguma uma das gemmas da nossa litteratura nacional.

Nos tempos da gloriosa *Semana* jornal litterario que Valentim Magalhães e Filinto de Almeida dirigiam com extraordinario brilho nesta capital, teve logar uma eleição que devia decidir qual o primeiro poeta brasileiro. Aquelles que tiveram a felicidade de conhecer a *Semana* devem do estar lembrados do logar proeminente que o Dr. Luiz Delfino conseguiu nesse pleito honroso, figurando em um dos primeiros logares, ao lado de Gonçalves Dias e acima de Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Alvares de Azevedo etantos que a geração passada havia sagrado e aureolado triumphantes nas lides sublimes do verso. E cumpria attender, nesse pleito que Luiz Delfino era como é ainda vivo, e os outros todos tinham a seu favor a penumbra do passado, que revelava na morte, como uma nevas nebulosa que augmenta a estatura d'aquelles que a atravessam. Cumpre attender ainda a que, dos poetas mortos, ceitava publicado tudo o que elles produziram, e Luiz Delfino não havia publicado, como o não publicou ainda hoje, uma vigesima parte da grande obra poetica, que possui.

Elle é o auctor de cerca de oitocentos sonetos primorosos, como são os que elle produz divididos em grupos sob o nome de Levantinas, Aspazias etc. Mas infelizmente é inimigo da publicidade, e guarda aquillo tudo como um avarento o seu thesouro caro. Não tem ainda um livro, impresso, ordenado, que dê uma medida do seu valor e goza já entretanto da popularidade que o distingue.

E' a muito custo, a instancias de bons amigos, que tem conseguido vir á luz algumas das suas produções delicadissimas.

Seja-nos permittido dar aqui alguns escassos especimens, que possuímos, para que os leitores possam avaliar por si de tudo o que avançamos que é ainda muito pouco, desde que se falla de Luiz Delfino, o grandioso poeta destes tempos.

Aqui vai um delicioso soneto no genero fãceto, em que elle é deveras galante:

PER AGROS

En rivo, un fraile taberna, pregao na riev.
BRASILEI

Vujo-a depois da ultima mudança,
Menos triste, mais sã, e mais bonita;
E mesmo, Excellentissima, permitta
Que o diga: o campo como a fec criança!...

Uma rosa no peito, outra na trança;
No olhar a luz da aboboda indulta,
Onde a serena lura da esperança
Em rede do ouro se emballando, habita.

E' mais secca, tambem nã: é tamanha
Esta casinha: é longo da montanha;
Ha no jardim um velo tran-parenta...

E enquanto assim fallava, ella sorria:
E ao vel-a rir, ao mesmo tempo eu via
Tremulo o bosque, o céu, a luz, o ambiente...

Outro, no genero descriptivo, que é de uma riqueza admirável:

N'UM CARRO DE BOIS

(STALAGMITES)

Com Sol Oceano subest.
HORAT

Desde a infancia, immortales, vós sonhadores sois!...
O' poetas, só vós ouvis a symphonia,
Que vespalthavam na estrada, ao declinar do dia,
Um velho, um carro-tessou, e dois morcosos bois!...

Que véo d'opala e d'ouro em pó fino os cobria!...
Come, a se enterrarem, inclinavam-se os bois!...
Folhas cercas á flor a luz lada sorria!
Dollas de nroma á luz cantava a flor depois!...

Quando, a gullinda ao hombro, o cervico indolente
Deixavi-me le na caixa, agurrado aos fofiros,
Do lá en via o sol descur piscando, ao ponto,

Espãços colossaes do domus prisioneiros:
Enquanto ouvia já passar furivamente
As Dryades no valle, os Sylphos nos outeiros.

Agora, para terminar: este quadro magistral de interior:

LIBIDO

(ASPAZIAS)

Vai em chinellas cor de rosa — o nãso,
En que os pés não se alteram subtilmente —
Golpear agua do bronze relucante
Ao entrar ella entrocou de esmalto.

Leva prudente a ponta do dedinho
A ver se a agua está fria, ou boa e quente:
E um magro do Phydias, do repente,
Surge das dobras de um lençol de linho.

A agua recem cheia de respeito,
E volta doce, tremula, affeiosa,
Como quem fax mais brando o brando leiteo.

Chocando a xinda a um tempo de amerosa,
Beija-lhe as mãos, os pés, o habio, a peito...
E uma nympho outra nympho embia e gosa...

Como tudo é fino, inspirado, burilado pela
mao primorosa de um artista phenomenal!

(Continua.)



Foi talvez um poeta trahido pela sua amante, que comparou á inconstancia das mulheres a inconstancia do clima brasileiro. Poeta ou não poeta, trahido ou não trahido, a comparação é a mais feliz que conheço.

Quando a gente pensava, que o verão já vinha perto, com os

dias de céu implacavelmente azul, com a rua do Ouvidor cheia de leques em movimento, com a fuga de todo o bando elegante para a altura aristocratica de Petropolis, — o inverno, que agonisava, teve um ultimo aranco de moribundo e reapareceu, em todo o seu vigor, pendo de novo em uso os cobertores e os gregos quentes. Reappareceu, reinou despoticamente tres ou quatro dias, e já vai de novo desaparecendo... para nossa maior felicidade.

Para nossa maior felicidade, porque o inverno é uma estação que não nos serve. Que diabo! nós já estamos habituados á fulguração do sol, ao sorvete e á cajuada.

Depois, o inverno sem o luxo, o inverno n'uma sociedade que não gosta de calçar luvã, e de se enrolar na pellissa de preço, o inverno sem neve, sem lareira, sem recepções em salões fidalgos, sem nada disso que faz do inverno, em Paris, a estação mais divertida do anno, o inverno assim bem pôde favorecer os fluminenses com a sua ausencia, e deixal-os em paz, ruando e tomando refrescos, passeando á tarde, de paletot branco e chapéo de palha, por Santa-Thereza o Cosme Velho.

Sete de Setembro, o dia em que o Brazil se deu ao luxo de ficar independente, encheu estes ultimos dias decorridos com os seus vivas, as suas illuminações e as suas gyrandolas entusiasticas.

N'esse dia, D. Pedro I e o seu cavallo, acordam do somno de todo o anno, e pavoniam-se, cavallo e cavalleiro, n'um grande contentamento. Dois coretos, aos lados, mandam ao fundador do Imperio turbilhões de notas festivas. Os patriotas sahem á rua, com a alma cheia de ardor e os callos atormentados nas botinas novas. E é sempre a mesma cousa: os mesmos galhardetes, a mesma artilharia no morro de Santo Antonio, os mesmos coretos de pinho pintado fingindo castellos inexpugnaveis, as mesmas sessões solemnes das sociedades commemorativas, e o mesmo cortejo no Paço da cidade.

Compreende-se que tudo isso é bonito, mas acaba por cansar. Foi talvez por isso que a monarchia entendeu dever dar um novo attractivo ás festas da independencia.

A principio, pensou-se que o melhor era organisar touradas, theatrinhos de Guignolles gratuitos, feiras francas com batatas fritas e tremoços. Depois uma idéa salvadora occorreu ao cerebro pouco inventivo do patriótico Governo. E reorganisou-se a Guardia Nacional de offembachiana memoria, que, além de servir ao governo na difficil crise das eleições, teve a utilidade de divertir o povo no cortejo do dia sete...

Formaram-se as valerosas hostes, em parada vistosa. Estreiraram-se as churlateiras luzidas, e o barão do Rio Apa teve a gloria de commandar o exercito mais bello que tem apparecido neste mundo e nos outros.

Mas como a imprensa havia batido, a taponas de ridiculo e piparotes de tropa a brava instituição, Zé Povo achou que a Guardia Nacional merecia uma vaia e... vaioi-a, porque quando Zé Povo tem uma idela, não ha ninguém que lh'a desenterra da cabeça. Vaioi-a, mesmo ás portas do Paço da cidade; vaioi-a sollemnemente, e não serei eu quem lhe faça carga por essa vaia impicavel.

Depois, quando alguns dos novos officiaes da milicia civica desciam a rua do Ouvidor para embasucar com os fardamentos as

meninas romanticas; um grupo que estava á porta do *Londres* prorompeu em asnuadas. Os officiaes sacaram dos gladios, e um glorioso charivari fecheu a longa série dos heroicos feitos da Guardia Nacional naquelle dia memorando.

Valha-nos isso. Ao menos, o rolo do *Londres* veio mostrar á gente que a brava Guardia não usa espadas apenas para — floretear nos salões — como a do primo da Morgadinha de Val-Flor.

Terminadas as eleições, garantida sem contestação a victoria do governo, nem por isso deixou de jorrar a Cornucopia Augusta uma chuva continua de mercês, condecorações a granel, centenas de viscondades, milhares de baronatos e até um Marquezato que está imminente sobre a sabia cabeça do Sr. Motta Maia. E a cousa que a principio pareceu inoffensiva, torna-se agora um horror. F., que ainda hontem era simplesmente um honrado negociante, está barão; Z., empregado publico ha tres dias lambe-se com uma commenda da Rosa. Encontra-se a gente com elles. — Como está, Sr. Fulano? Sr. Sicrano, como está? — E Fulano fica zangado, fica zangado Sicrano, porque a gente não lhes deu o tratamento devido. Por fim, já ninguém sabe como ha de tratar os conhecidos.

Aconselho aos 85.000 leitores do *Archivo Contemporaneo Illustrado* que vão, por precaução, dando *excellencia* a todos os que forem encontrando. É um meio seguro de evitar inimizidades e resentimentos.

A policia do Sr. Basson conseguiu que terminasse o jogo desenfreado dos *Cosmoramas*, e está tomando providencias energicas contra os capoeiras.

Para acabar com o jogo pôz ella em pratica um meio simplicissimo: apprehendeu roletas, rodas de fortuna, estradas de ferro, cavallinhos e todo o arsenal da jogatina, e fez com tudo isso uma fogueira monstro, um auto-de-fé implacavel, que hade ser lembrada para todo o sempre. Para exterminar os capoeiras, encurralou-os na casa de Detenção: resta-lhe apenas fazer com que elles por lá fiquem alojados por muitissimos annos, para repouso das nossas honradas barrigas e desafogo dos nossos honestos pescocós. Podem assim ficar mais tranquillos os cidadãos, que, como o director do *Archivo*, hoje de todo restabelecido, se viam expostos á navalha do primeiro capadocio que passava.

Resta agora, ao digno chefe de policia da Corte, providenciar contra a exploração das creanças.

Como se não bastasse a torpeza dos que vivem á custa das esmolas colhidas na rua pelas pequeninas turcas, apparece agora entre as mulheres de vida suspeita a moda de andar a passeio levando uma creança

pela mão. Victimias da ganancia dos paes, que tudo sacrificam ao dinheiro, venha elle de onde vier, as creanças têm d'esse modo uma escola de vicios onde se pervertem precocemente.

Condemna-se a quem deshonra uma mulher: porque não se condemna a quem prostitue uma creança?

Para fechar a chronica, um pouco de arte.

No *Atelier Moderno*, Ribeiro, o delicioso paysagista expõe alguns quadros de grande merecimento. A leitora, que tem espirito e gosto queira fazer ao *Archivo* este favor: vá deliciar os olhos e a alma vendo aquellas adoraveis paysagens.

Nos theatros, nada de novo, a não ser a nova companhia de Zarzuelas, que está trabalhando no Lucinda.

É' uma companhia de primeira ordem; mas, como tenho o espaço limitado e, em outra secção, o leitor encontrará sobre ella a opinião do *Archivo*, limito-me a declarar aqui com toda a convicção de que sou capaz, que a senorita Plá, primeira cantora da companhia é a artista mais completa que, n'este genero tem vindo ao Brazil. Nada lhe falta: nem voz, nem conhecimento de scena, nem desembaraço, nem belleza.

É ponto. Que melhor final que este: o elogio de uma mulher bonita?

FLAMINIO.

BIBLIOGRAPHIA

Ha muito tempo, que a nossa imprensa annunciava a proxima publicação de um livro do Dr. Valentim Magalhães: *Escritores e escriptos*.

Finalmente appareceu, e fomos mimosendos com um exemplar.

Util é commentar o trabalho, do Sr. Dr. Valentim Magalhães, pois todos sabem que tem sido um dos nossos escriptores que mais têm produzido; dotado de grande talento, como é, vê as suas publicações procuradas por todos, que as applaudem com enthusiasmo.

Não tivemos ainda tempo de ler toda a obra, sendo assim, no proximo numero diremos a impressão que nos causou; que com certeza deve ser boa.

Ha um adagio que diz: pelo dedo se conhece o gigante; pelo autor se deve conhecer a obra.

Ao nosso sympathico amigo, endereçamos as nossas felicitações e um apeto de mão (*á ingieira*).

Recebemos o *Aristo*, novella do Sr. Rodrigo Octavio; por falta de tempo não podemos dar o nosso parecer, o que faremos no proximo numero.

Ora o diabo!... esta não está má!...

Então não nos entra pela porta dentro um conto intitulado: *O amor fatal* e assignado pelo Sr. Eduardo Meirelles, que dedicando-o ao nosso illustradissimo collega Dr. Demerval da Fonseca, o envia ao *Archivo Contemporaneo Illustrado*!!!

Nada, não pôde ser, esta differença tem de desmanchar-se.

O Amor fatal no seu fatalismo, entrou-nos cá em casa como uma fatalidade, julgando que aqui, bem como na Gazeta de Noticias, havia o Pedro Malazarte para o tosar em verso ou o L. para lho puzar as orelhas em prosa.

Lemos o conto e... cahimos numa bella sommea. Sonhamos que a tal historia não existia e que o autor era simplesmente um cabo de esquadra da celeberrima Guarda Nacional.

Apareceu-nos A lucta, órgão republicano, de que é um dos proprietarios, o Sr. Luiz Gonçalves; desejamos que o collega caminhe triumphante no desempenho da sua causa.

Fomos surpreendidos com o Diario da Manhã, novo jornal publicado em Santos sob a direcção do Sr. Vicente de Carvalho; entre os diversos collaboradores notamos os Srs Martin Francisco e Bueno de Andrade, dois talentos que hão de com certeza abrilhantar as columnas deste jornal com magnificos escriptos.

Desejamos ao collega carreira prospera e brilhante.

Chegou-nos A Estação, jornal de modas e que para o bello sexo vae... na ponta; está muito chic, perdõ-me o Sr. Castro Lopes, e traz uma chroniqueta de Eloy o Heros, que está bem boa.

Recebemos um... soneto intitulado Teus olhos; é elle assignado pelo Sr. Manoel d'Oliveira e offerecido a Castro Soromenho, além de erros de metrificação, tem os de rima e portanto já o archivamos no deposito das cousas inúteis. No entanto o patrião agradece a attenção.

Recebemos mais, — ao lavar dos cestos — o n. 1 da Vida Fluminense, semanario moldado no plano da Comedia Portuguesa. Agrademos a visita, congratulando-nos com o seu apparecimento. Gargalhada franca e fresca e corajosa persistencia para poder ir na... ponta. Até ao n. 2 se Deus quizer.

Tudo isto appareceu á ultima hora, até julgamos que não tivissemos nada; mas, qual! se não tivissemos mais é porque... não tinhamos mesmo

GRANT



Tóto

A IGNACIO BELFORT



Corria o mez de Maio, o mez em que as flores matismam os campos com variadas cores, e o ar se embalsama de perfumes sublimes. Já o sol cahia sobre as flores, já das petalas das rosas e madrepêlvas, começavam a desaparecer as pequeninas gottas do rocío da madrugada, quando

Eliza assomou no humbral da porta que dava para o jardim.

Eliza assomou no humbral da porta que dava para o jardim.

Estava radiante de belleza. Pelo desalinho dos seus formosos e bastos cabellos que cahiam em ondas revoltas sobre o peignoir, via-se que tinha abandonado o leito havia poucos momentos.

Olhou em redor de si, fitou o ceo e virando-se para dentro, chamou pelo Tóto. Tóto era um mimoso cachorrinho de regaço. Apenas o bimbelot veio, ella collocou-lhe entre os dentes um açafate, da ilha da Madeira e desceu.

O astro do dia contemplava aquellas faces lindas, e ella serena e tranquilla, caminhava por uma das alamedas; chegando em frente d'um canteiro, onde se destacavam, lindas rosas d'Alexandria e cravos purpurinos, parou.

Começou a colher as flores mais mimosas e a collocal-as de mauzo sobre o açafate. De quando em quando, olhava para o pobre Tóto perguntando com um sorriso meigo e candido: Pesa muito, muito? Leva mais estas duas só, e pedemo ir.

Acabada esta pequenina tarefa Eliza lha voltar-se, quando subitas mãos lhe taparam os olhos, Eliza surpresa por este ataque imprevisto, disse:

— Me deixa Carlos, senão mezango comtigo.

— Então eu não ganho uma rosa?
— Ganha sim, mas com uma condição, ha de vir passeiar connigo, até ao muro da quinta.

— Pois vamos replicou Carlos contente.
— Já que vai deixe-me collocar esta flor na boutonniere de seu paletot; diz Carlos com ar ingenuo:

— Esta assumo é o teu retrato Eliza!
— Faça-se de engraçado se lhe parece, disse Eliza sorrindo. Está bom, deixemnosde demoras que mamã não tarda a me chamar.

Deu o braço a Carlos e chamou o Tóto que os seguia como Fiel.

Pelo caminho, fallaram sobre os jasmims que estavam nascendo, no bailo que no dia seguinte lha dar a tia Mariquinhas, no vestido creme que Eliza mandara fazer para o casamento do Alfredo e finalmente chegaram ao muro tão desejado.

Sentaram-se sobre um banguinho de madeira e olhando-se por alguns segundos, foi Carlos que quebrou o silencio que os envolvia.

— Eliza sou teu parente longe é exacto! mas vivo em tua casa ha tanto tempo, tenho-te dado tantas provas de meu amor e de tua parte tenho notado, gelida e profunda indifferença. Acaso não serei eu digno do teu amor? diz-me se me amas, um sim! um não! constituem meu futuro, mas responde.

Eliza exito e cravando seus bellos olhos d'um onix radiante em Carlos, disse-lhe: se não te dissesse sim mentia.

Carlos ergue-se e cahindo-lhe aos pés, balbuciou: Oh Eliza! como sou feliz.

Deixa que selle o teu primeiro juramento com um beijo, deixa que meus labios tostados se collem aos teus, puros, como os da Madona, dito isto as duas almas se fundiram n'um beijo etereo e sublime. . .

até que foram despertados pelo latir do Tóto que amolado deixara cahir o açafate.

Ergueram-se, confusos, vermelhos, caminharam para casa, onde entraram mais animados; achavam-se felizes; e como assim não devia ser?!

Dias depois, corria já como certo em todas as casas conhecidas, o casamento de

Carlos e Eliza; nos balles, nas festas de igreja, nos pic-nicks, nos theatros, viam sempre aquelle par gentil, conversando baixinho, com certeza segredando projectos de amor.

Finalmente em Agosto, casaram-se. O Tóto nunca mais os largou, e a todas as pessoas conhecidas, D. Eliza dizia, ser a unica testemunha de sua primeira confissão de amor.

Se elle testemunhou outra cousa nunca o disse.

MEMO.



Problema de Mechaica

Abrimos hoje a nossa secção scientifica com a resolução d'um problema de mechaica que nos foi enviado para resolver.

Este problema podia ser resolvido por um estudante de mechaica ou mesmo de physica, mas enfim já que no nosso programma entra uma secção d'este genero é preciso resolvel-o.

Vamos pois resolvel-o, e em seguida deduzir as formulas que tem applicação n'este problema.

Ello-o:
— Um Flânear deixou cahir d'uma torre de Pariz uma pedra e observou que ella levára cinco segundos para chegar ao solo; perguntou elle então ao campanheiro, que altura teria esta torre e que velocidade levaria esta pedra?

Um corpo que cae partindo do repouso é animado do movimento uniformemente variado e as formulas que resolvem as questões d'este movimento são duas, a saber: primeira a do espaço percorrido que é

e = 1/2 gt^2

e segunda a da velocidade que é v = gt.

Na primeira formula, e representa o espaço percorrido pelo corpo, g accelleração da gravidade no lugar considerado, e t^2 o quadrado do tempo empregado pelo movel para percorrer o espaço e. Na segunda formula temos que: v representa a velocidade adquirida pelo movel quando parte do estado do repouso, g a accelleração da gravidade no lugar considerado e t o tempo empregado pelo corpo.

A accelleração aqui é a gravidade, que é a força em virtude da qual todos os corpos tendem para o centro da terra ella varia de um lugar para outro e em Pariz o seu valor é 9,8088.

As formulas são:

(1) e = 1/2 gt^2, v = gt. (2)

Vamos determinar a altura da torre e applicamos a formula (1).

Temos pois

e = 1/2 9,8088 x 5^2

elevando b' ao quadrado, temos:

$$e = \frac{1}{2} 9,8068 \times 25,$$

effectuando a multiplicação indicada vem:

$$e = \frac{1}{2} 245,2200,$$

effectuando a divisão temos: $e = 122,61$.

Já temos assim a altura da torre que é 122^m,61, vamos achar agora a velocidade o que obtemos pela forma seguinte: $v = gt$, fazendo as substituições temos $v = 9,8068 \times b' = 49^m,0440$, temos pois já determinada a velocidade que é de 49^m,044 por segundo.

*

Eis aqui a primeira parte da resposta, vamos agora deduzir a formula.

No movimento uniformemente variado a equação da velocidade exprime-se pela formula $v = b + at$. Diferenciando esta expressão temos $dv = a dt$; pois que b é uma constante e a diferencial de uma constante é nulla. Tirando o valor de a temos:

$$a = \frac{dv}{dt}$$

Ora a derivada da velocidade em relação ao tempo é aceleração e se chamarmos g temos $a = g$ que substituída na formula vem: $v = b + gt$.

Conhecida a aceleração uma dupla integração dará a lei de movimento; conhecida a velocidade basta uma integral simples.

Supponhamos que seja conhecida a aceleração e queremos achar a lei do movimento, integrando a expressão $dv = a dt$, entre os limites 0 e t temos:

$$\int_0^t dv = \int_0^t a dt = f adt - f ad0;$$

logo $v - v_0 = at$.

Mas $a = g$, substituindo-se tem

$$v - v_0 + gt;$$

passando v_0 para o 2º membro, encontramos: $v - v_0 = gt$; porém

$$v = \frac{ds}{dt}$$

d'onde substituindo-se, achamos:

$$\frac{ds}{dt} = v_0 + gt,$$

d'onde $ds = v_0 dt + gt dt$.

Integrando temos

$$\int_0^t ds = \int_0^t v_0 dt + \int_0^t gt dt = v_0 t + \frac{1}{2} gt^2,$$

e finalmente

$$s - s_0 = v_0 t + \frac{1}{2} gt^2,$$

ou passando s_0 para o 2º membro:

$$s = s_0 + v_0 t + \frac{1}{2} gt^2.$$

Na formula de velocidade $v = v_0 + gt$ e na do espaço

$$s = s_0 + v_0 t + \frac{1}{2} gt^2$$

entram, o espaço inicial e a velocidade inicial, mas o corpo parte do repouso, temos $s_0 = 0$, e $v_0 = 0$ e substituída nas formulas temos:

$$s + 0 + 0 + \frac{1}{2} gt^2,$$

d'onde

$$s = \frac{1}{2} gt^2,$$

se fizermos $s = e$, que é altura temos,

$$e = \frac{1}{2} gt^2,$$

na velocidade precedendo analogamente temos: $v = 0 + gt$, d'onde $v = gt$.

Eis as duas formulas deduzidas.

Perceberam?

Ora ainda bem!

JUBAR,

THEATROS

D. PEDRO II



No dia 3 o tenor Cardinali fez beneficio; escolheu o *Trovador*, opera de Verdi.

Como sempre, foi calorosamente applaudido.

A Sra. Peri, que inquestionavelmente é a primeira figura da companhia, mostrou mais uma vez o seu merito.

As horas da noite, como no *Othello*, colheram ainda ao Sr. Bartholomasi, que foi adoravelmente.

LUCINDA

A companhia de zarzuelas está n'uma maré de felicidade enorme, enchesse após enchesse; julgo até que o empresario vai augmentar a platéa e mais uma fila de camarotes.

A primeira figura desta companhia é a Sra. Plá, irmã da cantora que tanto applaudimos quando aqui esteve a companhia do Garrido; no genero de zarzuelas é actriz muito completa e como mulher é bem *chic*.

THEATRO VARIEDADES

O Sr. Guilherme da Silveira desde que chegou de S. Paulo tem levado o *Frotymack*, revista dos irmãos Azevedo e que tem dado no goito do povo.

O povo applaude com fremezi; são partidarios uns da Villiot, outros da Delorme, e nós da companhia.

S. PEDRO

No dia 3 a grande actriz Emilia Adelaide, empresaria deste theatre, beneficiou-se, e escolheu *Os mysterios da India*, drama que não se tinha ainda representado; teve boa casa e a beneficiada bons presentes.

SANTANNA

Representa-se a *Orthographia*, satyra comico-lyrico-dramatica de costumes hespanhóes e adaptada aos nossos.

Tem pilherias muito engraçadas, mas com muita *pimenta*. Peixoto, Collas e Mattos, vão na... ponta, como sempre, e com especialidade o primeiro, que nos deu um *S* admiravel.

O côro das reticencias foi cantado com graça pela Sra. Lopicolo e bem acompanhado.

Os vestuarios são ricos e de muito effecto.

GRANT.

LITTERATURA



Folhas de rosa 1

Chego agora de lá! Que triste o conculorio!
E colho na memoria

An pótalas da dor que brota no mysterio,
Que entre — viver-morrer — faz linha divina.

Chego de lá! Meu pranto em vão tento secar:
Chora quem sabe amar,

E eu amava-te muito, ó seiga croncinha,
Das lucidas regiões, dulcissima andorinha.

Toda a noite velou no pé de ti, cruzava,
E vi-to, pomba mansa,
Sorridente e tranquilla no teu caixão rosado
Como um botão em flor das hastas arrancado.

Cingia-te o corpinho a teneta singella
E a frente nivea e bella
Beijava-t'a amorosa a branca florescencia
Das rosas, como tu, tecidas de innocencia.

Gemias, morgulhada em dor que não se limita,
A teu mãe afflicta.
E tu, sempre a sorrir, tinhas na bocca ideal
Oa vestigios fatisos do osculo aternal.

O' noite do martyrio! O' noite do Calvario
Neste que és um sacrario
Em que a alma da mãe se enlaça ao filho seu,
Alma que já vouu, filho que já morren!

Dava clarões em volta o amarelado cirio,
E as phrases do martyrio
Pareciam brotar d'aquellas pulsaciones
Para virem cabir em nossos corações.

E o Christo a contemplar do cimo do madeiro
O quadro derradeira
D'esse poema de dor, dir-se-hia que chorava
Sobre a candida flor que a morte regelava.

Chaliam do horizonte os tímidos olhares
Da madrugada; os ares
Despertavam da noite ao dulcido contacto
Des baixos da harmonia. O' mysterioso facto!

1 Esta poesia foi dedicada a uma querida mortuzinha.

Ha festas na inconsciencia e lagrimas nas almas!

Ha longas horas calmas

Em que a Razão solta e o espirito prantia!

Ha risadas de sol quando succumbe a idea!

Vinham entrando sem pelas estreitas fendas,

Quas pedras de rondas,

Os fios da manhã, que triste e sublimemente

Davam benções de luz ao pequenino esta.

O' natureza crua! O' grande alma despotica!

Que soluço cahotica

Tu das nos factos tens! Estupida mil vozes

Que poupas a velhice e matas uns seis mezes!

Chego agora de lá! Já tudo se acabou:

A terra já tragon

O pequeno caixão, sacrosanto da candura,

Caixão que é cor de rosa, e que é negra amargura!

Tudo ali foi solemne; e cêo poz-se de lucto

E ainda, ainda escuto

As salvas callonias com que os canhões electricos

Lançavam sobre a terra os seus pesames tetlicos.

E tudo se acabou! Os portões da vida

Fecharam-se, querida!

Perden-se no infinito a tua alma dulcissima

Qual a nota subtil em symphonias unisonas.

Olhos castos e leaes, d'uma donzra inflada,

Face mimosa e lirica,

Cabellos que ao sol brilhavam setinosos,

Tudo vão partilhar mil te mes asquerosos!

Adeus, pobre innocente. Adeus, lrio infantil

Fanado antes de abril

Pelo ralo do gelo, o golpe inaffastavel

Que os corações desfaz em noite perduravel!

Adeus!... A terra cas por sobre o teu sarcophago!...

Eis-te no torreo oosphago

Que te vai conduzir á chimica retorta,

Onde a vida da flor se faz da flor já morta.

Chego de lá chorando, e quêdo-me na dôr,

Pensando no labor

Que agita sem descanço a universal arteria

Onde a desolagão é guia da materia.

Ah! como somos zero! A dor é o apnagio

Colhido no naufragio

De toda a aspiração, dos vaporesos sonhos

Com que a fé nos inundou os dias mais risinhos.

Depois, eis-nos assim, estatua de nós mesmo

Vendo cahir a como

As phrases da alegria em fenecero estado,

Onde o vicio apodreceo no lado da virtude.

Um raio só de luz, o Espirito do todo!

Deixa-me vêr no lado

Das bases da existencia, e achar o eterno fio

De psychico mysterio, esplandido e sombrio!

Deixa-me ler ahí a estigma d'esta thuma

Com blicos de dilemma

Que em circulo se fecha, ao qual não ha fugir:

Viver para morrer — morrer para existir!

C. S.

O HEROE

AO MEU JOVEN AMIGO DECIO FREIRE

Aos toiros! Aos toiros!

E corriam estrada fóra, saltando sobre os campos luxuosamente vestidos de searas loiras como cubecinhas de cherubins, e ir-

requietas como aspirações de almas artisticas.

De ha oito dias que em todas as esquinas das ruas da villa, se pavoneavam cartazes triumphantes, de cor sanguinea e quente, que dava vertigens á febre da curiosidade, annunciando em grandes caracteres a esplendida corrida de toiros, na qual tomava parte o fidalgo da Casa Branca, amador distincto.

A praça distanciava, pouco menos de um kilometro, e o dia, esplendorosamente banhado de sol, convidava a expectativa publica nos calmantes da realidade. Logo ao alvorecer as cachopas andavam n'uma faina, sacudindo as capas, engommando as saias, desenrugando os lenços de seda, de vistosas cores festivas. Todas as casas repercutiam as vozes de alegria, todas, menos uma. Era a casa de D. Albertina, viuva de um official, que, durante a guerra franco-prussiana, obrára prodigios de valor na defeza da sua generosa França, e que no cerco de Paris se elevára ás proporções do heroismo historico. Este bravo, restabelecido e equilibrio patrio e assegurada a paz pelo triumpho da causa democratica, viera a Portugal, onde constituirá familia; familia que extremamente adorava com o sentimento das grandes almas, educadas nos grandes principios.

E n'aquelle dia completava-se o terceiro anniversario do passamento do heroe! A viuva, formosissima senhora, que na melhor quadra da vida perdura no esposo toda a felicidade e toda a alegria, não mais despira os lutzuosos crepes, nem seccára as saudosissimas lagrimas.

Um filho unico lhe ficára, retrato vivo do esposo bem amado. Era um bellissimo rapazito de quatorze annos, de olhos negros, scintillantes como a estrella vesper, loiros cabellos enrolados em auriferos aneis, que lhe formavam uma graciosa coroa em volta da espagosa e palida fronte.

Hugo passava aquelle desolado dia ao lado da sua extremosa mamã. Viera a ferias, o juvenil estudante, que desejava, como seu nobre progenitor, seguir uma ariscada e honrosa carreira, pelo que se dedicava á marinha.

E todas aquellas vozes, todas aquellas descantes, todas aquellas affirmações de expansiva alegria externa, iam, lá dentro da sombria morada voltejar no ambiente, coar-se atravez das fendas, resvalar ao longo das paredes, e arrastar-se nos tapetes escuros, como faiscas de gargalhadas escarneedoras, como syllabas soltas de sacrilegas phrases.

Albertina chorava, e acabando de entretecer uma coroa de saudades brancas, foi collocar as ultimas flores nos copos da espada, que nas mãos do valente honrara a patria.

Hugo assistia pallido e commovido a esta apothose sublime, feita de sacrosantas lagrimas e de brancas flores.

— Vae filho meu, e colloca esta coroa sobre o jazigo de teu paé!

Mas o menino ficára immovel, olhos pregados n'aquelle brilhante arma, que longos annos pertencera ao heroe que partira para os ignotos da alma-mater. De repente estremeceu, levou as mãos aos olhos, e perguntou entre soluços:

— Mamã, quando poderei ter a honra de possuir aquella espada?

— Quando te mostrares digno por alguma nobre acção.

Hugo suspirou, e, tomando a coroa das mãos trementes da saudosissima senhora, sahio de casa.

E lá fóra resoavam os descantes, as guttarras, á mistura com os brados do povo-louco avinhado, que repetia:

— Aos toiros! Viva a toirada!

— Hugo, tu não vens aos toiros? Perguntava o morgado, padrinho do gentil estudante.

— Hoje é dia de lagrimas em minha casa, padrinho! A mamã chora, e eu soffro pela mesma causa que lhe dá desgosto, e pelo desgosto de a ver soffrer

Pois mesmo por ostares triste é que deves distrair-te. Vem d'ahi!

Desculpe, mas...

Um magote de povo que vinha atraz d'elles, empurrou o pequeno e fel-o caminhar conjuntamente. O padrinho tomou-lhe o braço e lá o foi convencendo conforme podia, comquanto o pobre Hugo sentisse a maior das repugnancias e como que um remorso atrocissimo.

Aí! A mamã nunca lhe perdoaria semelhante ultrage á memoria do adorado esposo! Era torpesso voltar para traz; mas como? A multidão impulsivava-o sempre para deante, e quando elle queria gritar que o deixassem passar, atroavam-lhe os ouvidos com a gritaria desenreada:

Aos toiros! Aos toiros! Vivam os toiros!

Era surpreendente o conjuncto da praça! O enthusiasmo dos homens, o trago das mulheres, mistura de cores escarlate, amarella, verde e azul, tudo mais retinto pelo fogo solar, tudo mais fresco á doce luz de um céo nitidamente azul, e as scintillações dos instrumentos metallicos que sacudiam de repelloo desafinados sons, davam lembranças de uma festa de selvagens transportada como especimen para a civilisação moderna.

Entrou o primeiro toiro na arena: gritos, bravos, palmas, um *charivari* medonho, proprio da epylepsia da estupidez e maus instinctos do animal humano.

Como o brutó não desse sortes, e os curiosos não se agudassem, veio segundo. Este sim! um bicho magnificamente feroz! Competia afeitamente com os contendores! Levou muitas farpas, mas distribuiu muita panacida. Um pavor!

Veiu depois terceiro. Era vivo, pequeno, negro como a noite da dôr, agil como a lebre das collinas. Irompeu admirado, e estacou de repente; em balde os lidadores o provocavam; o animal dava-lhes uma lição muda de civilisação e generosidade. Quedo, ereno, parecia meditar melancolicamente, n'uma pacacidade rara.

E' que lhe lembravam as tardes da sua ventura, quando os homens o não forçavam á crueldade, quando o sol não fugia dos seus olhos, nem a terra se lhe estendia nos pés com a aridez da tyrannia que lhe impunha o crime!

A' quella hora, que doces emanções se desprendiam dos viridentes pagicos, e subiu, subiu, em trémulas espiraes de aromas saudios, na plena liberdade campestre, até se enroscarem nas ethericas alfombras celicas, onde o moribundo sol dispersava as derradeiras lagrimas de fogo.

Que differença capantosa entre os dulcides gorgeios d'aquelles pequeninos seres que derramavam t'orrentes de melodias nos languidos eccos da tarde, e os sons ingratos, perforantes, barbaros, que aquellas animaes bipedes, empoleirados no pinaculo das bancadas, arrancavam da entranha dos seus instrumentos metallicos e raivosamente porfiados em assassinar uma deliciosa valsa de Strauss!

De repente sentiu uma dor aguda no lombo; era a primeira farsa.

O toiro estremeceu, olhou em volta; nenhum soccorreu, nenhuma protecção! Aquella multidão berrava desordenada e estupidamente. Em sua frente estava um cavalleiro, que o provocava, e toda aquella gente lhe era hostil, para honra da civilisação.

— Tantos contra um! Pensou o bruto! E tantos que nós somos nas vastas lezírias, imperia n'osso, e jámais insultamos o homem que nos vigia!

Então o pobresito olhou para o cavalleiro como que a implorar-lhe que lhe pousasse o crine, e recebeu em troca novas farsas. Um rugido de dor lhe sahiu do peito, e atirou-se terrível ao cavallo, fazendo baquerar o imprudente toiroiro que o martyrisára.

Bravos, palmas e gritos partiram das trincheiras dos espectadores, ferozes, quaes os antigos frequentadores do colyseu romano, festejavam a desgraça do seu semelhante!

Entre aquella vozoria distinguiram-se, por instantes, uns gritos angustiosos. Todos olhavam n'aquella direcção. A esposa do cavalleiro cahira como que fulminada pela dor e os filhinhos gritavam que acudissem ao papá.

Ansiedade suprema! O toiro estava medonho e ninguém conseguia desalgemar-se da corrente fatal do medo.

Hugo, que permanecera com a frente escondida nas mãos, finas e brancas de jaspe, ergueu então a formosa cabeça. Viu e comprehendeu. Sem pronunciar uma palavra, sem communicar um pensamento, lançou-se de um salto á arena.

De todos os lados partiu uma exclamação:

— Aquella creança vai morrer!

Hugo avançou sereno para o toiro, que perseguiu o infeliz ferido, e antes de deixar ao bruto tempo de optar por qualquer dos dois, descarregou-lhe um formidavel golpe com a varinha que trazia na mão. O toiro voltou-se furioso e arremetteu para a creança.

N'este momento, por honra da humanidade, era completo o silencio e extraordinaria a commoção dos assistentes.

— Fuja! Gritou uma voz. Hugo parou; a sua formosa phisionomia não revelava a mais leve alteração. Dirigiu um sorriso angelico aos filhinhos do ferido, que escorria sangue, e no momento em que o bruto baltava a cabeça para o accommetter, pôe-lhe um pé sobre o pescoço, salta para o lado do cavalleiro, agarra-o com um vigor que ninguém suppunha n'aquelles delicados pulsos, e arrasta-o para a porta com a maior rapidez.

Quando o toiro olhou em torno de si, estava só na arena!

Todos á porfia queriam glorificar a creança heroica, e d'esta vez os brados de saudação resgataram a inconsciente perversidade dos gritos que incitavam homens e brutos a arruinarem-se reciprocamente.

Pouco depois o fidalgo recebia os primeiros curativos, e o medico declarava que não eram mortaes os ferimentos.

Hugo tomou o caminho de casa, triste e desgostoso. A mamã e que diria! Pobre querida mamã! Trémulo e pallido, transpou o limiar da porta, e quando viu a virtuosa senhora, vergaram-lhe as pernas e cahiu de joelhos.

— Perdão, mamã da minha alma perdão!

Mas a senhora, com as lagrimas nos olhos, foi buscar a espada do militar

brioso, e pondo a nas mãos do filho, disse-lhe:

— Praticaste uma nobre e virtuosa acção! Filho, meu adorado filho! Honraste melhor o anniversario da morte de teu pae do que eu!...

E mãe e filho confundiram as lagrimas santas de seus limpídisimos corações n'um beijo sublime, que foi recolhido na urna sagrada da clemencia, como a mais bella das suas perolas!

— Um só pezar me assiste, soluçou a creança.

— Qual meu filho?

— O ter maltratado o pobre novillo... porque de todos aquelles seres... elle não era, decerto, o mais barbaro nem o mais criminoso!...

Sim, meu bom amigo, se alguém duvidar da crueldade e da selvageria dos homens, assista a uma toirada! Para seu divertimento barbaro, o animal humano impelle o seu semelhante contra as hastas do um toiro; para a satisfação da sua baixa covardia, arrasta um animal util ao circo, apartado dos seus amigos de infancia, exaspera-o pela fome e sede, obriga-o a ser feroz, obriga-o a ser assassino!

É rebellam-se contra a tyrannia, contra os processos inquisitoriaes os homens, quando são elles os mais criminosos tyrannos da creação, os mais terríveis inquisidores do progresso e da piedade sacrosanta.

CASTRO SONCHENHO.

Adoração

FRAGMENTO

Eu não te tenho amor simplesmente. A paixão em mim não é amor, filha, é adoração. Nam se falla em voz alta a imagem que se adora. Quando da minha noite eu te contemplo, agora, E, estrella da manhã, um beijo teu perpassa. Em meus labios, oh! quanto essa infinita graça Do teu piedoso olhar me fuzilla, a'esse instante Eu sinto — virgem leita, insuavel, radiante, Revolta n'um clarão balsamico de luz, A minha alma ajoelhar, tremula, aos pés da tua! Adoro-te!... Não és só graciosa, de bendosa, Além do bella e santa; além de estrella de rosa. Bendicto seja o Deus, bendicta a Providencia Que deu o lirio ao montão, e á tua alma a innocencia. O Deus que te creou anjo para ao te amar. E fez do mesmo azul o céu e o teu olhar.

GUERRA JUNQUEIRO.

De meu Intermezo

Quando me olhaste pela voz primeira A mim que não sabia o que era amar. Senti que nascia a vida inteira Na luz do teu olhar.

E agora se me fita o longamente, Ou me vens nos teus braços envolver. Como a luz que se apaga lentamente Eu me sinto morrer.

E' que olhando pra mim d'essa maneira Tão languida e tão triste, ó minha flor: Fazendo me nascer a vida inteira Tu mataste-me de amor.

ESCA DE ALMEIDA.

SALA DE FUMO

O visconde de B. vai a um cabelleiro e diz que lhe corte o cabelo. O artista conclue o trabalho e pergunta ao freguez:

- V. Ex. está satisfeito?
- Não ficou muito á minha vontade.
- Não quer o cabelo assim?
- Se m'o pode deixar um pouco mais comprido, faz-me muito favor.

*

Ernestina uma pequenita de 5 annos, jan-tou tão bem que, no meio da sobrezeza, parou e não pôde comer mais; em compensação, olhava as sobrezezas com grande soffreguidão.

— Porque não comes mais, Ernestina? perguntou-lhe a mãe.
— Não posso, mamã; já não tenho fome senão nos olhos.

*

A viscondessa toca violentamente a campainha. Aparece uma criada.

— Cheira-me a queimado, Joaquina!
— E' o guarda-vestidas da V. Ex. que está a arder!
— O' desgraçada, então corra, deite-lhe já agua em cima...
— Não posso, minha senhora, porque só ha agua quente em casa...

*

Entre mulheres que se detestam.

Uma, olhando para o espelho:
— E' notavel! Quanto mais consulto o espelho, mais feia me acho!
A outra:
— Toda a gente é dessa opinião, minha querida.

GRANT

ACTOS E FACTOS



Foi elevado a conde o nobre visconde de Figueiredo, o opulento e distinctissimo financeiro fluminense. Foi um acto de justa manifestação de cordial apreço que o governo praticou. S. Ex. a quem felicitamos é digno de todas as considerações.

*

Igualmente foi agraciado com o titulo de visconde o Exmo. Sr. Senador Escrivão Taunay. Parabens ao laureado politico e brilhante publicista.

*

Durante os ultimos dias da quinzena tem-se achado bastante enforma a distincta e talentosissima poetisa a nobre Baroneza de Mamanguape.

S. Ex., incansavel sempre em obsequiar as pessoas que carecem da sua bondade e gentileza, teve na noite de 6 do corrente uma entrevista com S. A. Imperial a Prin-

ceza D. Isabel, acerca do projectado espectáculo d'O Escravo do grande maestro Carlos Gomes, pois que a nobre e Exma. Baroneza faz parte da commissão de damas, que se têm prestado, a auxiliar com generosidade e trabalho insano os desejos de Sua Alteza e do publico. De volta á sua residencia S. Ex., achou-se bastante indisposta.

No dia seguinte piorava. Chamados a toda pressa os Exmos. Drs. Luiz Delfino e Martins Rocha, foi S. Ex. considerada victima de uma bronchite aguda, causada por um resfriamento, durante o tempo que permaneceu no Paço. A Exma. Sra. Baroneza apesar de guardar rigorosa dieta está felizmente livre de maior perigo.

Confiança na alta competencia e luminoso talento dos illustradissimos medicos assistentes, S. Ex. em muito curto prazo de dias, se achará em plena convalescença. Sentimos profundamente os padecimentos da brilhantissima poetisa e illustre dama, e aguardamos tambem o proximo numero do *Archivo* para a felicitar e a sua Exma. familia pelo seu restabelecimento, que não se fará esperar.

*

Já está bem de entender que se trata da Guarda Nacional!!!

A rogo do Sr. Lourenço Monteiro do Barros (cobrador do *Archivo Contemporaneo Illustrado*), sujeito tão myope que não encontra lentes que lhe sirvam para uns oculos, tal é a sua cegueira, levamos ao conhecimento, do grande fabricante da Guarda Nacional que o moço de quem falamos pensa, sonha e deseja uma promoção nas agueridas hostes da... *pipineira*.

A' ultima hora recebemos o seguinte telegramma:

"Lourenço Monteiro Barros *cegueta*, cobrador, *Archivo*, agraciado, *muchila*, Guarda Nacional.

O nosso cobrador commovido agradece e já pediu ao nosso gerente Alfredo B. de Leão adiamento para se fardar de... *muchila*.

Cavallo devo arranjar facilmente, para isso prohibimos ao caixa que abone.

SATANICO.

TRATOS A BOLA



Decifrações das charadas do 3º e 4º numeros:

Da novissima do 3º numero é *Salmoura*.

Da novissima em verso é *Camelia*.

Do 4º numero: Da carta enigmatica o conceito é *José Maria Latino Coelho*.

Doa logogriphos offercidos ao Sr.

Castro Soromenho, são: *Gonçalves Crescido*, *Incorrigibilidade a Rei-Chiquito*.

*

Logogripho

Voavam andorinhas nos tetraos
Em vivo redoble tumultuoso,
Corriam nos pomares os pardaos
A deliciar no fructo saboreo. 1, 2, 3, 9, 7, 6, 5, 10

Em sombras a poetica compina,
E ao longe, a retallar o firmamento,
Georguia-se o dorso da colina
Como um gigante inerte, somnolento. 3, 6, 5, 2, 4, 10, 11

Em festa toda a aldeia! A multidão,
Emquanto o sel tombava mananção,
Bregala nos céos inganna canção
Louvando o santo arbusta piamento. 3, 9, 7, 0

E depois, em ruidosa voceria,
Pueril, descuidada, delirante,
Puzeram fim a tão alegre dia
Sob os ramos d'uma arvore gigante.

*

Já Phebo conduzia decemento
O sel, pelo confins do universo;
Deus das artes, da musica, do verso; 10, 4, 3, 6, 1, 5
Chefo das novo musas, finalmente.

Sua irmã Phebo, retirava-se
Por entre a aurora, psuansor do dia,
Deusa ençadera, logo se via, 7, 8, 10, 9, 10
Por entre as rudes selvas embre-clar-se.

Construção da Trula a perdício,
Filho de Endymion, insignis artista, 2, 4, 2, 5
Inventor de aristas e de ascendas,

Não ha quem lhe resista á tentação
De em mulher formosa pôr a vista
Com os olhos amarrados, labios mudos.

*

Um deus, do navio é embarcação — 1-2
Este melusco, corre na architectura — 2-2

GRANT.



Durante esta quinzena estivemos muito atarefados com a doença do chefe, mas emfim vamos responder ás perguntas que nos enviaram:

Um moço, com certeza estudioso, perguntou-nos o seguinte: Quem foi o fundador da geometria descriptiva?

Foi monge, meu caro senhor, sabio francez nascido no departamento do Cote d'Or em 1746 se não nos enganamos.

*

Recebemos de um anonymo esta pergunta: a quem cabe a gloria da descoberta dos balões?

Cabe forçosamente a Frei Gusmão, brasileiro e natural de S. Paulo; mas tendo ido a Lisboa, expor a D. José I, então rei de Portugal a sua invenção, foi pelo povo apodrejado, quando fazia a primeira experiencia, pois tomaram-no por feiticheiro.

Mais tarde é que os irmãos Mongofier, negociantes em Paris, fizeram experiencias e estas fundadas na de Frei Gusmão. O primeiro ascensor foi Pilatre de Rosier.

Os francezes querem chamar para si, a gloria d'esta invenção, mais isso pouco vale, pois está provado o contrario.

*

Mme. X, modista do nosso *high-life*, enviou-nos a seguinte pergunta:

Quem foi que inventou as angoas?

Minha senhora, ao certo não lhe posso dizer quem, mas desde já lhe garanto que *Eva* não foi com certeza, e por uma razão muito simples: Adão detestava o luxo, era partidario da singeleza.

Permitta que lhe dê um conselho, bata a outra porta, que talvez seja mais feliz. O *Souvenir* por exemplo, com certeza lhe responde.

E' alli no *Diario do Commercio* pergunte pelo Gregorio!

*

Pergunta-nos o Sr. Z. se o inferno tem lugares agradaveis? Homem esta é boa!!!

Tem sim senhor, os Campos Elysios, dizem que tem muito bons ares para os tisicos; mas não vá para lá não, olhe que o Cerbero, não é de brinquedos e dizem que anda damnado.

Pasteur inda não mandou emmissarios para lá.

Olhe eu dou-lhe um conselho: inferno por inferno, antes este onde nós estamos, por que ao menos já o conhecemos...

Portanto tome cuidado... heim.

*

Agradecemos a gentileza do Club Villa-Izabel, que nos enviou um cartão de convite para as corridas que se realisaram no dia 7 d'este mez.

A distincta directoria do Jockey Club indereçou-nos tambem um convite para os corridas do dia 8 d'este mez, agradecemos tanta amabilidade.

GRANT



Sabão de resina

Fervem-se conjuntamente:

Resina amarella bruta	2 partes
Potassa	1 "
Agua commum	1 "

E' necessario conduzir o fogo com cuidado para que a mistura não transborde.

Este sabão é muito economico.

*

Poção contra as coliccas

Xarope de diacodio	15 grams.
Dito de marmellos	20 "
Agua de ortellá	40 "
Dita distillada	50 "

Toma-se em duas ou tres vezes, com um intervalo de um quarto de hora.

Z.